

Artigos de Revisão

Mulheres nos cargos de liderança no esporte: uma revisão da literatura¹

Women leaders in sport: a literature review

Mujeres en puestos de liderazgo en el deporte: una revisión de la literatura



Tathiane Krahenbühl

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil.
e-mail: tathy04n@gmail.com



Adriana Luz Alencar

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.
e-mail: dried.fisica12@gmail.com

Resumo: Objetivamos analisar a produção acadêmica sobre mulheres líderes esportivas, a partir de um estudo de revisão de escopo. Foram incluídos 17 artigos e seis categorias emergiram a partir da análise temática: a) características dos estudos; b) perfil das mulheres líderes; c) análises quantitativas; d) barreiras encontradas pelas mulheres líderes; e) posicionamento das mulheres que ocupam os cargos de liderança; f) projeção de carreira. Os estudos quantitativos observaram a predominância masculina no cenário esportivo e as pesquisas qualitativas demonstram as principais causas e consequências desse fenômeno, como as relações de poder socialmente construídas entre os gêneros e as barreiras identificadas por essas mulheres.

Palavras-chave: mulheres; esporte; líderes; gênero.

Abstract: The objective was to analyze the academic production on women leaders in sport, based on a scoping review study. Total of 17 articles were included and six categories emerged from the thematic analysis: a) characteristics of the studies; b) profile of women leaders; c) quantitative analysis; d) barriers encountered by women leaders; e) positioning of women who occupy leadership positions; f) career projection. Quantitative studies observed the male predominance in sports and qualitative research demonstrates the main causes and consequences of this phenomenon, such as the socially constructed power relations between genders and the barriers identified by these women.

Keywords: women; sport; leaders; gender.

Resumen: Nuestro objetivo fue analizar la producción académica sobre mujeres líderes deportivas, a partir de un estudio de revisión de alcance. Se incluyeron 17 artículos y del análisis temático surgieron seis categorías: a) características de los estudios; b) perfil de las mujeres líderes; c) análisis cuantitativo; d) barreras encontradas por las mujeres líderes; e) posicionamiento de las mujeres que ocupan puestos de liderazgo; f) proyección de carrera. Los estudios cuantitativos han observado el predominio masculino en el escenario deportivo y la investigación cualitativa ha mostrado las principales causas y consecuencias de este fenómeno, como las relaciones de poder socialmente construidas entre los géneros y las barreras identificadas por estas mujeres.

Palabras clave: mujeres; deporte; líderes; género.

Submetido em: 19 de abril de 2023

Aceito em: 20 de julho de 2023

1 Introdução

O esporte é um fenômeno sociocultural e, como tal, possui uma relação intrínseca com valores e ideologias sociais, inclusive de gênero, que estão estruturalmente presentes em várias sociedades e culturas. Historicamente, o esporte é um campo de hegemonia masculina, refletindo a posição e divisão de papéis sociais impostos às mulheres limitando a participação e reduzindo a sua presença a espectadoras e assistentes em eventos esportivos (Devide, 2005; Burton, 2015). Socialmente, homens e mulheres são diferenciados por um discurso binário entre os sexos, pautado em argumentos médicos e biológicos que favorecem a inserção masculina, com seus respectivos estereótipos e normativas, em práticas sociais dicotomizadas (Scott, 1995), incluindo as práticas esportivas.

No entanto, o percurso histórico das mulheres no esporte é repleto de lutas e repúdios, o que atualmente vem resultando no aumento no número de mulheres atletas com o decorrer dos anos, e, como exemplo, temos o crescimento significativo da participação das mulheres nas últimas edições dos Jogos Olímpicos. Diferente do cenário encontrado na primeira participação em Olimpíadas, em 1900, com uma representação de apenas 2,2% de mulheres como atletas, nas Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016) e Tóquio (2021) as mulheres atletas representaram o total de 45% e 48,8%, respectivamente. Na edição de Paris (2024) existe a previsão de que as mulheres correspondam a 50% do total de atletas participantes (Coi, 2021; Fuentes, 2021).

Contudo, apesar do aumento gradativo observado no número de mulheres atletas, não é notado esse mesmo cenário quando se trata de cargos de liderança no meio esportivo. Pelo contrário, estudos mostram que essa razão é inversamente proporcional, como visto após a medida do Title IX, que proporcionou maior espaço aos esportes femininos nos Estados Unidos, mas que também ocasionou o aumento no número de homens em cargos de treinadores nessas modalidades. Ou seja, com o aumento das equipes

e atletas femininas observado nos últimos anos, principalmente nos grandes eventos esportivos, esperava-se também observar o aumento do espaço para a atuação de mulheres como treinadoras esportivas, porém, à medida que o esporte de mulheres ganhou certa visibilidade e recursos financeiros, esse espaço que antes era liderado por mulheres passou a ser liderado por homens. (Kilty, 2006; Acosta; Carpenter, 2012; Passero *et al.*, 2020).

A baixa representatividade das mulheres como treinadoras, auxiliares, gestoras e árbitras, muitas vezes, ocorre devido a fatores sociais que dificultam e impedem a inserção e permanência delas no esporte (Ferreira, Salles; Mourão, 2015), tais como a dificuldade em relacionar família e trabalho, dificuldade de dedicar-se totalmente ao esporte devido a remuneração, salários desiguais em relação aos homens, a reprodução homóloga que favorece a contratação dos homens em detrimento das mulheres, a falta de representatividade nesses cargos, preconceito, entre outros. (Kilty, 2006; Jaeger *et al.*, 2010; Walker; Bopp, 2010; Burton, 2015; Ferreira *et al.*, 2017; Novais, Mourão; Soares, 2017). Essas barreiras são determinantes para a não progressão das mulheres a cargos de liderança esportiva, principalmente no alto nível (Pfister, 2003; Ferreira, Salles; Mourão, 2015; Ferreira *et al.*, 2017). Em outras palavras, o universo esportivo, assim como o mercado profissional geral, é marcado por uma segregação vertical e horizontal que varia de acordo com o sexo (Pfister, 2003), evidenciando que as desigualdades de gênero no campo das atividades físicas e esportivas fazem parte de um amplo contexto de desigualdades presentes em outras esferas sociais (Altmann, 2017).

Assim, temos que as mulheres ainda são minoria em cargos de liderança e comando esportivo, tais como treinadoras esportivas e auxiliares técnicas (Ferreira, Salles; Mourão, 2015), sendo observado o maior número de homens comandando equipes masculinas e femininas (Passero *et al.*, 2020; Jacó; Krahenbühl, 2021), e também nos cargos de liderança como gestora nas instituições esportivas (Acosta; Carpenter, 2012; Burton, 2015; Walker; Bopp; Sagas, 2011).

Além de ser um espaço majoritariamente ocupado por homens, observa-se que quanto mais próximo do alto rendimento menor a participação de mulheres como treinadoras esportivas (Pfister, 2003). É grande o desafio para que as mulheres consigam ocupar cargos de liderança nos mais diversos âmbitos sociais, como política e economia, o que reverbera no campo esportivo, sendo que a baixa ocupação desses cargos pelas mulheres é um desafio ainda atual e em nível internacional (Brauner, 2015).

Frente a isso, vemos que há um processo de conquista das mulheres no campo esportivo, entretanto, mesmo com a inserção das mulheres enquanto atletas, por qual razão elas ainda não ocupam com tanta frequência os cargos de liderança, como treinadoras e gestoras? A partir dessa indagação levantamos a questão central desse artigo: o que os estudos e pesquisas sobre mulheres líderes têm fornecido de informações sobre a participação de mulheres em cargos de treinadoras, auxiliares e gestoras esportivas? Com a intenção de responder a esse questionamento, o objetivo desse estudo foi identificar e analisar os artigos originais que apresentam informações sobre mulheres como figuras de liderança no esporte e analisar os resultados que essas publicações trazem a respeito do tema.

Entendemos que identificar os artigos originais publicados sobre mulheres que ocupam cargos de liderança (treinadoras principais, treinadoras auxiliares e gestoras) no esporte faz-se imprescindível para nortear novos estudos nessa área, além de apresentar a situação desse grupo no campo esportivo.

2 Métodos

Este é um estudo de revisão de escopo (Arksey; O'malley, 2003). De maneira geral, os estudos de revisão de escopo objetivam mapear os principais conceitos que fundamentam uma área de pesquisa, descrever com mais detalhes os resultados e a variedade de pesquisas em áreas específicas de estudo, resumindo e disseminando os resultados dessas pesquisas. Nesse tipo de

revisão, o processo deve ser documentado em detalhes suficientes para permitir que o estudo seja replicado por outras pessoas, necessitando mostrar explicitamente as abordagens de busca e análise. Essa abordagem explícita aumenta a confiabilidade dos resultados e responde a qualquer sugestão de falta de rigor metodológico no estudo (Arksey; O'malley, 2003). As etapas para a realização desse tipo de estudo são: a) Etapa 1: Identificação da pergunta de pesquisa; b) Identificação de estudos relevantes; c) Seleção dos estudos; d) Coleta de dados e; e) Reunião, resumo e apresentação dos resultados.

Iniciamos a pesquisa a partir da questão central do estudo: "O que os estudos acadêmicos e pesquisas mais recentes sobre mulheres e esporte têm fornecido de informações sobre a participação de mulheres em cargos de treinadoras, auxiliares e gestoras esportivas?".

A busca e coleta de dados foram realizadas utilizando a base de dados eletrônicas do Scielo e do Portal de Periódicos Capes, a qual foi escolhida por ser abrangente tanto no número de revistas/periódicos indexados quanto na diversidade de áreas do conhecimento das publicações. A busca foi realizada por duas autoras independentes, em momentos diferentes, em português, para garantir a responsabilidade e qualidade da pesquisa (Gomes; Caminha, 2014). Após a análise individual de cada pesquisadora, foi realizada uma reunião para verificar os artigos incluídos e não incluídos no estudo para determinar quais seriam incluídos no estudo de acordo com os critérios de inclusão.

Após a definição das bases para a busca, foram definidos os descritores (ou palavras-chave): mulheres, esporte, treinadoras, gestão, líderes. O descritor termo "mulher" foi pesquisado no plural para garantir a abrangência durante a busca, e a além disso, foram destrinchados sinônimos para "cargos de liderança" relacionados ao esporte, sendo eles: gestão, líderes, professoras, técnicas e treinadoras. Delimitamos assim as combinações: "mulher(es) *and* gestão *and* esporte"; "mulher(es) *and* líderes *and* esporte"; "mulher(es) *and* professoras *and* esporte"; "mulher(es) *and* técnicas *and* espor-

te” e “mulher(es) *and* treinadoras *and* esporte”. Foram utilizados os filtros de revisão por pares e no período de 2010 a 2023, sendo a última busca realizada no dia 11 de julho de 2023.

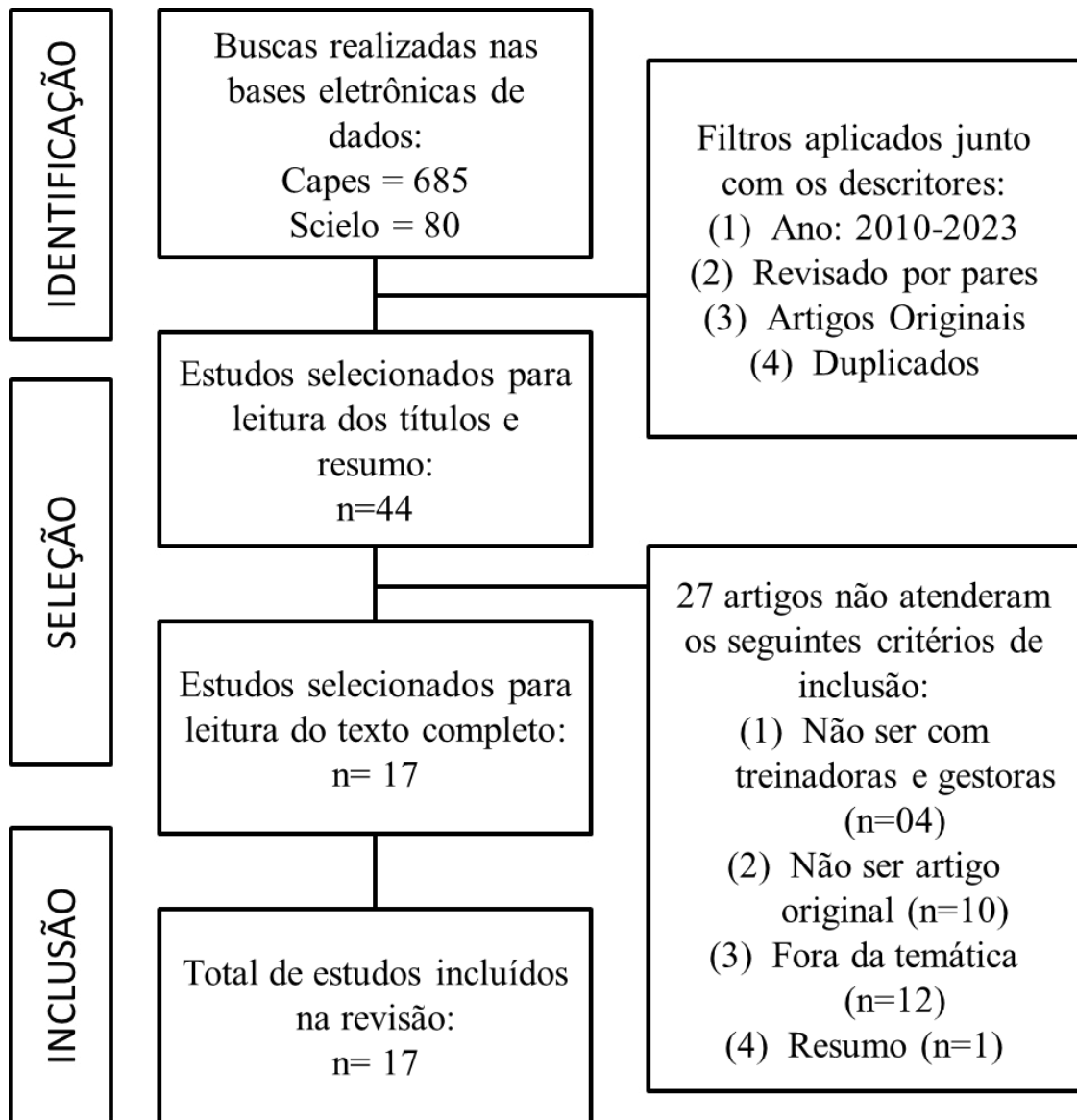
Os critérios de inclusão dos estudos na pesquisa foram: a) amostra deveria incluir mulheres em cargos de treinadoras, auxiliares ou gestoras esportivas; b) serem artigos originais; c) publicados entre 2010 e 2023; d) artigos completos publicados em periódicos científicos; e) periódicos revisados por pares. Dessa forma somente artigos originais foram revisados, sendo que teses, dissertações, monografias, resumos e revisões de qualquer natureza não foram incluídos nesta revisão.

Durante as fases da busca foram realizadas as análises dos títulos e posterior leitura dos resumos; na sequência foi realizada a seleção dos artigos completos para leitura e, enfim, a seleção dos artigos para serem incluídos na revisão. As informações sobre artigos incluídos e excluídos na amostram constam no fluxograma, conforme a Figura 1. Os artigos em duplicidade, ou seja, que apareceram mais de uma vez durante a busca, e que estavam dentro dos critérios de inclusão, foram incluídos apenas na primeira busca, sendo excluídas as duplicidades nas demais buscas realizadas.

Os artigos incluídos na revisão foram analisados por categorias temáticas, a partir da abordagem indutiva (Braun; Clarke, 2006; Souza, 2019) ou como denominado pelos autores com as temáticas advindas “de baixo para cima”, ou seja, os códigos foram gerados a partir dos próprios dados e considerações encontrados nos artigos incluídos na revisão, sem tentar encaixá-los em um quadro de codificação pré-existente ou nas pré-concepções analíticas. Os códigos iniciais foram gerados a partir dos dados organizados em temas potenciais, revisados e refinados pelo processo de comparação, e então foram categorizados.

Além disso, foi analisado o perfil das publicações a partir do período (ano), periódicos da publicação, modalidades esportivas e tipos de pesquisa (quantitativa ou qualitativa).

Figura 1. Fluxograma de seleção dos artigos selecionados.



Fonte: Autores

3 Resultados e discussão

Quadro 1. Resumo dos estudos incluídos na revisão

	Periódico	Autor(es)	Título	Objetivo	Tipo
A1	Movimento	Ferreira <i>et al.</i> (2013)	A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil.	Identificar e analisar as razões associadas à baixa representatividade feminina no cargo de técnica.	Qualitativo
A2	Research, Society and Development	Jaime, <i>et al.</i> (2021)	A representatividade de treinadoras do sexo feminino em uma competição oficial.	Identificar e comparar a quantidade de treinadores e treinadoras de esportes coletivos presentes na 31ª edição dos Jogos da Juventude do Paraná (JOJUPs) 2018.	Quantitativo
A3	Revista da Alesde	Caron, <i>et al.</i> (2015)	A mulher e o poder na estrutura esportiva do estado do Paraná-Brasil.	Investigar a representatividade feminina em órgãos de poder na estrutura esportiva paranaense entre os anos de 2013 e 2015, identificando os conflitos encontrados pelas mulheres gestoras em assumir cargos de poder.	Quantitativo
A4	Pensar a Prática (2021)	Silva, Jacó, Krahenbühl (2021)	As (não) convocações de mulheres para cargos de liderança nas comissões técnicas no Handebol brasileiro nos anos de 2014-2020.	Quantificar as convocações de mulheres para os cargos de liderança nas comissões técnicas das seleções nacionais masculinas e femininas de handebol entre os anos de 2014 e 2020.	Quantitativo

Mulheres nos cargos de liderança no esporte: uma revisão da literatura

Tathyane Krahenbühl • Adriana Luz Alencar

A5	Revista Intercontinental de Gestão Desportiva	Amaral, <i>et al.</i> (2021)	As mulheres em modalidades esportivas coletivas: um panorama dos cargos técnicos e de gestão nas confederações brasileiras.	Obter um panorama dos cargos de liderança ocupados por mulheres nas comissões técnicas e na gestão de Confederações Esportivas Brasileiras de modalidades coletivas olímpicas.	Quantitativo
A6	Podium	Gomes, <i>et al.</i> (2012)	As representações da mídia sobre a gestão feminina no Clube de Regatas Flamengo.	Analisar as representações da mídia sobre as estratégias de gestão de Patrícia Amorim na presidência do Clube de Regatas Flamengo (CRF).	Qualitativo
A7	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Ferreira, <i>et al.</i> (2017)	As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras.	Identificar e analisar as barreiras encontradas por treinadoras brasileiras.	Qualitativo
A8	Journal of Physical Education	Silva, <i>et al.</i> (2020)	Estratégias de resistência e empoderamento de treinadoras portuguesas.	Analisar como a hegemonia dos homens na função de treinador é negociada e contestada por mulheres que ocupam esta posição.	Quantitativo e qualitativo
A9	Movimento	Passero, <i>et al.</i> (2020)	Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem.	Analisar longitudinalmente a participação de mulheres em cargos de comissão técnica e arbitragem no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (2013-2019).	Quantitativo

Mulheres nos cargos de liderança no esporte: uma revisão da literatura

Tathiane Krahenbühl • Adriana Luz Alencar

A10	Journal of Physical Education	Ferreira, Salles, Mourão (2015)	Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil.	Identificar as vias de acesso e estratégias utilizadas por treinadoras para sua inserção, permanência e ascensão no cargo.	Qualitativo
A11	Corpoconsciência	Favari, <i>et al.</i> (2021)	Percurso de formação profissional de treinadores e treinadoras de basquetebol de jovens.	Verificar o percurso de formação profissional de treinadores e treinadoras de basquetebol de diferentes idades, que atuam em categorias de base, descrevendo aprendizagens identificadas em contextos formais, não formais e informais.	Qualitativo
A12	Estudos Feministas	Souza, <i>et al.</i> (2015)	Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro.	Os objetivos deste trabalho são identificar e interpretar as percepções da técnica da seleção brasileira de judô feminino, desde sua chegada à seleção brasileira, em 2000, até a conquista do ouro olímpico, em 2012.	Qualitativo
A13	Educacion Fisica y Ciencia	Almeida, Freitas (2020)	Sob comando deles: as barreiras para mulheres técnicas nas equipes olímpicas brasileiras.	Este artigo tem como objetivo discutir os obstáculos impostos a mulheres brasileiras para assumir cargos como treinadoras em seleções nacionais.	Qualitativo
A14	Movimento	Jaeger, <i>et al.</i> (2010)	Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades.	Analisar as condições de atuação de mulheres atletas e ex-atletas que ocupam funções técnicas e diretivas no esporte em Portugal.	Qualitativo

A15	Movimento	Novais, <i>et al.</i> (2021)	Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva.	Analisar a representatividade de mulheres em cargos de treinadora e auxiliar no futebol de mulheres, buscando identificar as estratégias de subversão e resistência adotadas para sua inserção e permanência.	Qualitativo
A16	Cuadernos de Psicología del Deporte	Passero <i>et al.</i> (2019)	(Des)Igualdade de gênero: uma análise longitudinal da participação das mulheres em cargos de comissão técnica e arbitragem na Liga Brasileira de Basquetebol Feminino (2010-2017).	Analisar a participação das mulheres em cargos de comissão técnica e de arbitragem na Liga Brasileira de Basquete Feminino (LBF) desde a primeira edição do campeonato (2010) até o momento deste estudo (2017).	Quantitativo
A17	Movimento	Guimarães, Barreira, Galatti (2023)	“Ser mulher em um curso de futebol já é começar um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF academy.	Explorar as vivências de treinadoras de futebol em cursos de certificação oferecidos pela CBF Academy. A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com seis treinadoras	Qualitativo

Foram incluídos nesta revisão 17 artigos que atenderam aos critérios de inclusão. O Quadro 1 mostra resumidamente os estudos, informando o periódico, ano da publicação, autores e autoras, título e objetivo.

Os resultados dos estudos foram analisados e categorizados com a finalidade de organizar os principais achados dessa pesquisa. Seis categorias temáticas emergiram das análises, sendo: a) características dos estudos; b) perfil das mulheres líderes; c) Quantidades de mulheres nos cargos de liderança; d) barreiras encontradas pelas mulheres líderes; e) posicionamento das mulheres que ocupam os cargos de liderança; f) projeção de

carreira. Observamos a frequência de conceitos e termos importantes inseridos nas categorias analisadas, os quais são apresentados na Figura 2.

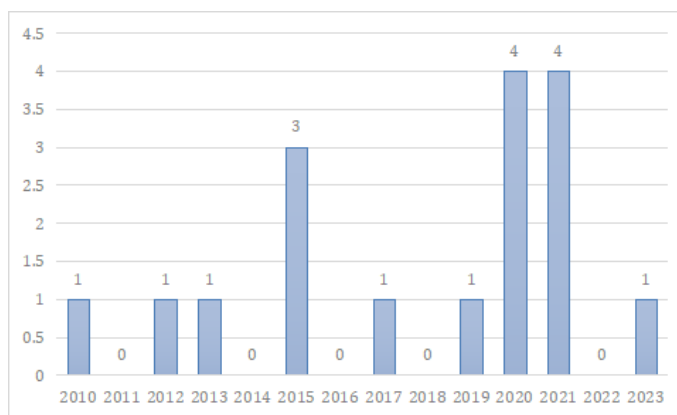
Figura 2. Nuvem de palavras autorais, com os conceitos e termos observados na análise temática.



Características dos estudos

A pesquisa qualitativa apareceu com maior frequência nos estudos, sendo um total de dez, um estudo com característica quantitativa e qualitativa, e cinco estudos quantitativos. A quantidade de artigos publicados por ano (2010 a 2023) pode ser observada na Figura 3. O periódico científico com maior número de publicações é a Revista Movimento, com cinco artigos, seguida do *Journal of Physical Education* com dois artigos. Os demais periódicos aparecem com uma publicação cada, mostrando uma relativa diversidade de periódicos que publicam sobre o tema.

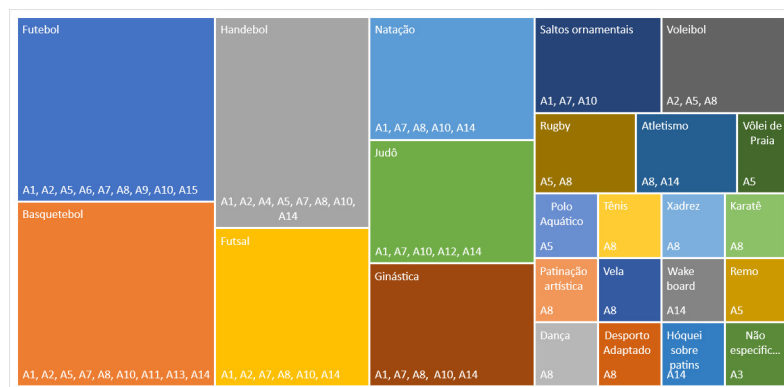
Figura 3. Quantidade de artigos por ano, no período de 2010 a 2023.



Fonte: Autores

As modalidades esportivas observadas nos estudos estão representadas na Figura 4. É possível observar que o Futebol e o Basquetebol são as modalidades mais frequentes, com nove estudos cada, seguidas pelo Handebol e Futsal, com oito e seis estudos respectivamente. A Natação, a Ginástica e o Jud o aparecem em cinco estudos; Saltos Ornamentais e Voleibol em três estudos; Rugby e Atletismo em dois estudos. As modalidades do Vôlei de Praia, Polo Aquático, Patina o Artística, Dança, T nis, Xadrez, Karat , Vela, Wakeboard, Hóquei sobre patins e Desporto Adaptado aparecem em um estudo cada. Um dos estudos incluídos sobre gestão não citou modalidades esportivas específicas para os cargos.

Figura 4. Gráfico demonstrativo das modalidades encontradas nos estudos incluídos na revisão.



Fonte: Autores

Perfil das mulheres líderes

Seis artigos fizeram a caracterização das mulheres que participaram dos respectivos estudos. É interessante observar que para que essas mulheres tenham o interesse e o acesso aos cargos de liderança esportiva há uma construção histórica dessa trajetória, que em sua maioria começa com a prática esportiva na infância e/ou adolescência. Com isso, podemos perceber que as rupturas de barreiras por essas mulheres começam em outras esferas, na oportunidade da prática esportiva, com a experiência anterior como atletas (Jaeger *et al.*, 2010; Gomes *et al.*, 2012; Ferreira *et al.*, 2013; Almeida; Freitas, 2020; Novais *et al.*, 2021).

Contudo, essa permanência dessas mulheres na carreira de treinadoras ou gestoras parece ser dificultada por outras questões, como a dupla carreira. Três estudos mostraram que a maioria das mulheres tem outra ocupação/trabalho além de serem treinadoras ou gestoras esportivas. No estudo de Ferreira *et al.* (2013), das 13 treinadoras entrevistadas, nove declararam ter outra profissão, dados parecidos com o estudo de Silva *et al.* (2020) em que 33 treinadoras apresentaram ter outra profissão de um total de 37 da amostra do estudo. No estudo de Novais *et al.* (2021), de nove treinadoras e auxiliares, apenas duas apresentaram ter dedicação exclusiva ao handebol.

Outros dois aspectos dos perfis dessas mulheres foram destacados: a maternidade e o relacionamento pessoal, mostrando que a maioria permanece solteira (Ferreira *et al.*, 2013; Silva *et al.*, 2020; Novais *et al.*, 2021) e sem filhos (Ferreira *et al.*, 2013; Novais *et al.*, 2021).

Quantidades de mulheres nos cargos de liderança

Grande parte dos estudos incluídos na revisão fez a análise sobre a quantidade de mulheres que ocupam os diversos cargos de liderança. Seis estudos mostram o percentual de mulheres ocupando os cargos de treinadoras e auxiliares técnicas em modalidades esportivas diversas, quando analisadas conjuntamente equipes femininas e masculinas temos uma variação entre 7% e 20% dos cargos sendo ocupados por mulheres nas confederações

esportivas (Ferreira *et al.*, 2013; Jaime *et al.*, 2021; Amaral *et al.*, 2021). Quando analisada a atuação das mulheres em equipes femininas e masculinas de forma separada, temos que o percentual de mulheres nesses cargos cai significativamente, em torno de 4% (Amaral *et al.*, 2021).

Quando as análises são por modalidade, as que aparecem nos estudos são basquetebol (Passero *et al.*, 2019; Jaime *et al.*, 2021), Canoagem (Amaral *et al.*, 2021), Futebol (Passero *et al.*, 2020; Jaime *et al.*, 2021; Amaral *et al.*, 2021), Futsal (Jaime *et al.*, 2021), Ginástica Rítmica (Amaral *et al.*, 2021), Remo (Amaral *et al.*, 2021), Voleibol (Jaime *et al.*, 2021) e Handebol (Jaime *et al.*, 2021; Silva; Jacó; Krahenbühl, 2021). De maneira geral, em todas as modalidades estudadas, tanto nas categorias masculinas quanto nas femininas, a presença de homens como treinadores é maior do que das mulheres, e acentuada em categorias masculinas, como por exemplo, no handebol, em que não há presença de mulheres nas comissões técnicas das seleções nacionais masculinas (Silva; Jacó; Krahenbühl, 2021). Quando estudadas as equipes femininas, observamos que há um percentual maior de homens em cargos de comissão técnica (treinador principal e auxiliar) no basquetebol (Passero *et al.*, 2019) e também no futebol (Passero *et al.*, 2020).

Três estudos quantificaram mulheres em cargos de gestão, e a normativa da baixa presença das mulheres nesses cargos se faz presente, tanto como presidente de federações esportivas, como no estudo de Caron *et al.* (2015) no qual encontraram apenas duas presidentas de um total de 48 instituições no Paraná. Nos estudos de Amaral *et al.* (2021), de 76 posições estatutárias, apenas sete deles são ocupados por mulheres (equivalente a 9,2% dos cargos). Ainda, no estudo de Ferreira *et al.* (2013), apenas 14% dos cargos efetivos nas confederações brasileiras são ocupados por mulheres.

Estes estudos, mesmos os mais recentes, mostram que o número de mulheres ocupando cargos de treinadoras, auxiliares e gestoras esportivas ainda é muito baixo em relação ao total de cargos possíveis de serem alcançados. Nesse sentido, observamos o que Norman (2010) relata como uma das dificuldades das

mulheres para assumir posições de liderança no âmbito esportivo está relacionada ao baixo capital social, ou seja, mesmo que as mulheres tenham competência e qualidade nas experiências para ocupar esses cargos, há menor capacidade de manter uma rede de contato em relação aos seus pares homens, o que privilegia a presença deles nos cargos de comando.

Segundo Kilty (2006) a pequena quantidade de mulheres que ocupam os cargos de gestoras e treinadoras está relacionada a contratação homóloga e ao princípio da similaridade, explicando em outras palavras, esses cargos de influenciadores são ocupados por homens que têm a tendência a indicarem outros homens sem nem mesmo cogitarem mulheres que tenham as mesmas competências que os homens indicados.

Ainda nas análises quantitativas, dois estudos mostraram que os cargos que são mais ocupados por mulheres são aqueles com características socialmente normatizadas como femininas, de cuidados e organização, como fisioterapeuta (Amaral *et al.*, 2021) e supervisão de seleção (Silva; Jacó; Krahenbühl, 2021), que não se enquadram nos estereótipos de liderança.

Barreiras

Sobre as barreiras relatadas pelas mulheres nos estudos qualitativos, a que aparece com maior frequência é a baixa remuneração (Ferreira *et al.*, 2013; Ferreira *et al.*, 2017; Souza *et al.*, 2015; Novais *et al.*, 2021). Haja vista que os setores e profissões que predominam a figura feminina são os menos valorizados e os com pior remuneração (Brauner, 2015).

Outras barreiras que aparecem nos estudos são o conflito entre a vida pessoal e profissional (Ferreira *et al.*, 2017; Almeida; Freitas, 2020) o que se relaciona diretamente ao perfil das treinadoras e gestoras incluídas nos estudos, como a maioria solteira e sem filhos; a falta de oportunidade para a inserção em um espaço de predomínio masculino (Ferreira *et al.*, 2013; Ferreira; Salles; Mourão, 2015; Ferreira *et al.*, 2017), o preconceito (Ferreira *et al.*,

2017) e necessidade de provar a capacidade para o cargo (Ferreira; Salles; Mourão, 2015; Gomes *et al.*, 2012).

Essas barreiras são amplamente difundidas na literatura sobre a ascensão de mulheres em cargos de gestão, o que nos leva a conceitos como o teto de vidro, que é uma metáfora na qual “o significado figurativo da expressão teto de vidro indica que as mulheres ocupam posições inferiores, a partir das quais elas visualizam os postos acima por meio da transparência de uma parede de vidro, mas não conseguem ultrapassá-la” (Gomes *et al.*, 2012, p.161), explicando em outras palavras, as mulheres conseguem visualizar a sua progressão profissional, mas há uma barreira invisível que as impedem de alcançar esses cargos de hierarquia ou liderança. Esse teto de vidro é formado por barreiras invisíveis e artificiais, e muitas vezes, não são percebidas pelos diversos sujeitos. Mais recentemente esse termo vem se atualizando para o “labirinto”, um conceito mais amplo que engloba os diferentes locais de partida e as diversas dificuldades vivenciadas por mulheres ao longo de sua trajetória profissional, tais como a identidades de gênero, classe e raça (Barreira, 2022). Nesse sentido, vemos no estudo Guimarães, Barreira e Galatti (2023) os relatos das mulheres inseridas em ambientes com predominância masculina no futebol, que apesar de perceberem a importância e os benefícios da capacitação oferecida, sentem-se desconfortáveis com o ambiente ainda resistente à presença delas.

Posicionamento das mulheres

Três estudos qualitativos apresentaram considerações sobre o posicionamento das mulheres frente às barreiras enfrentadas ao ocuparem os cargos de comando no meio esportivo, e basicamente, foram observadas duas formas de posicionarem frente ao ambiente predominantemente masculino, pela aceitação e pela resistência.

Na categoria da aceitação, há relatos do ajuste do comportamento para se adequar as normas masculinas (Souza *et al.*, 2015)

e a aceitação da exclusão feminina como algo normal na nossa sociedade (Ferreira *et al.*, 2013), e um estudo que encontrou que treinadoras de modalidades individuais se enquadraram com maior frequência nessa categoria (Silva *et al.*, 2020). Enquanto observou-se como forma de resistência a rejeição as características ditas femininas, como a fragilidade e a estética (Souza *et al.*, 2015) e que treinadoras de esportes coletivos mostraram maior frequência nas categorias resistência/empoderamento (Silva *et al.*, 2020).

O afastamento da mulher de características que a sociedade determina como femininas e a aproximação dos comportamentos masculinos é algo normalizado no campo esportivo, haja vista que atributos que demonstram fragilidade, mansidão e suavidade são descredibilizadas ao contrário daqueles que demonstram virilidade, brutalidade e até mesmo hostilidade.

Criou-se o imaginário de que as competências necessárias para exercer cargos de liderança estão essencialmente ligadas a atributos masculinos. Com essa análise podemos compreender os relatos de Souza *et al.* (2015), Ferreira *et al.* (2013) e Silva *et al.* (2020) sobre ajuste de comportamentos de rejeição e resistência de características femininas e a aproximação de características masculinas para que a mulher seja respeitada e credibilizada enquanto figura de liderança no mundo esportivo, o que também pode ser considerada como uma forma de tentar transpassar o teto de vidro.

Projeção da carreira

Nesta temática apareceram condições observadas pelas mulheres sobre a sua projeção (ou não) na carreira. Nesse sentido, foi possível observar nos estudos conduzidos com mulheres que conseguiram acessar os cargos de liderança que esse acesso se deu pela tutoria ou pelo convite de um gestor homem (Ferreira; Salles; Mourão, 2015; Souza *et al.*, 2015). Ainda, é possível observar nos estudos com mulheres que conseguiram assumir esses cargos que há uma grande necessidade de provar a sua competên-

cia pelo desempenho (Almeida; Freitas, 2020; Novais *et al.*, 2021) e de ter maior capacitação/qualificação profissional (Favari *et al.*, 2021; Novais *et al.*, 2021). Inclusive, mesmo com consciência sobre as micro violências observadas em espaços de capacitação, as mulheres reconhecem a necessidade de se estarem nesses ambientes visando a sua capacitação e aquisição de rede de contatos para progredirem na carreira de treinadoras (Guimarães; Barreira; Galatti, 2023).

Os estudos também mostram a dificuldade das mulheres, mesmo quando ocupando o cargo de treinadoras, de ascenderem para categorias principais ou de alto escalão das modalidades esportivas (Jaeger *et al.*, 2010), sendo que a porta de entrada e, em muitos casos, de permanência nos cargos de liderança esportiva se dá nas categorias de base (Jaeger *et al.*, 2010; Ferreira *et al.*, 2013; Souza *et al.*, 2015). Segundo Gomes *et al.* (2012, p. 161), “a maioria das mulheres se limita a ocupar a base da pirâmide de organização hierárquica, expondo a exclusão feminina em setores específicos. Exclusão essa, que não tem a ver com falta de habilidade e capacidade das mulheres, mas com o simples fato de serem mulheres”.

As mulheres quando ocupam um cargo de liderança são frequentemente questionadas sobre sua capacidade e competência necessitando provar que são merecedoras do espaço que ocupam (Ferreira; Salles; Mourão, 2015). Justificativas como “não serem casadas” ou “não terem filhos” são anunciadas como um ponto positivo, visto que essas demandas são socialmente colocadas como responsabilidade das mulheres. Assim, perpetua-se a ideia de que não assumir responsabilidades familiares permitirá maior dedicação e melhores resultados em cargos de liderança. Critérios esses não vislumbrados no cenário masculino, deixando essa balança injusta, uma vez que, no entendimento social, para o homem não há o mesmo conflito entre casamento, paternidade e a ocupação dos cargos em níveis hierárquicos mais altos.

Também podemos apontar dentre as dificuldades de ascensão das mulheres nos cargos de liderança a falta de tutorias, como

citado por Ferreira, Salles e Mourão (2015) e reforçado por Gomes *et al.* (2012). O maior quantitativo de homens enquanto dirigentes e técnicos perpetua um ciclo, em que estes acabam por optar por seus pares de similaridade, ou seja, homens acabam por indicar homens fazendo a manutenção dessa discrepância de homens e mulheres em cargos de liderança.

4 Considerações finais

Os estudos incluídos nessa revisão possibilitam conhecer e compreender a predominância masculina no cenário esportivo, a partir das comprovações quantitativas sobre a ocupação desses cargos, em que todos os estudos que se dispuseram a fazer essa análise encontraram que há um número absoluto e porcentual muito baixo de mulheres nessas funções, e as pesquisas qualitativas demonstram as principais causas e consequências desse fenômeno. Com isso, foi possível observar que há muitas barreiras que se estabelecem como pilares de uma estrutura na qual as relações de poder no campo esportivo favorecem a inserção masculina e, conseqüentemente, dificultam o acesso para as mulheres. Entre essas barreiras, visíveis e invisíveis, está a apropriação majoritária do espaço por homens, a falta de oportunidade de inserção, dificuldade de relacionar família e trabalho, insatisfação com a remuneração e, conseqüente, dupla jornada de trabalho, necessidade de maior qualificação e de provar a sua capacidade para o cargo, o preconceito e a divisão sexual de papéis entre os gêneros (Kilty, 2006; Jaeger *et al.*, 2010; Walker; Bopp, 2011; Ferreira *et al.*, 2013; Burton, 2015; Ferreira *et al.*, 2017; Novais; Mourão; Soares, 2017).

Observamos que as principais modalidades esportivas apresentadas nos estudos são as coletivas, principalmente Futebol, Basquetebol, Handebol e Futsal. Apesar de outras modalidades como Ginástica, Judô e Natação estarem presentes, há poucos estudos com esportes individuais, assim como não foram encontrados quantidade significativa de estudos com esportes paraolímpicos. Outra lacuna observada é referente a pesquisas com

gestoras, por exemplo, estudos com cargos de gestão em grandes instituições esportivas como Comitê Olímpico Brasileiro e federações nacionais.

Uma limitação encontrada na análise está no fato de que muitas modalidades foram pesquisadas por um mesmo grupo de pesquisadoras e, que há uma derivação de alguns artigos com amostras semelhantes. Também, entre as limitações do nosso estudo está o fato das buscas serem feitas em português e, por isso, ter pouca abrangência internacional. Sugerimos que estudos mais abrangentes e que possam relacionar a realidade brasileira com a internacional sejam desenvolvidos para conhecermos as afinidades e divergências desses cenários.

Nesse sentido, esta revisão faz-se relevante ao mostrar que ainda há muito para ser estudado e compreendido nesse cenário do comando esportivo, e que as mulheres ainda têm um longo caminho de lutas a serem travadas para ocupar as funções de liderança no esporte. Por isso, estudos que evidenciem esse cenário devem ser estimulados com a finalidade de que essas barreiras – ou mesmo o labirinto – possam ser, não só conhecidas como também entendidas nos seus *modus operandi* e consequentemente rompidas ou os caminhos sinuosos possam ser compreendidos e trilhados.

Referências

ACOSTA, R.V.; CARPENTER, L. J. Women in Intercollegiate Sport: A Longitudinal, National Study. Thirty-Five Year Update, 1977-2012. **Acosta-Carpenter**, 2012. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED570883>. Acesso em: 31 Dez. 2021.

ALMEIDA, W.D. de; FREITAS, R. de. Sob comando deles: as barreiras para mulheres técnicas nas equipes olímpicas brasileiras. **Educación Física y Ciencia**, v. 22, n. 4, p. 156-156, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24215/23142561e156>. Disponível

em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/4399/439965962012/439965962012.pdf>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

ALTMANN, H. **Atividades físicas e esportivas e mulheres no Brasil**. Relatório nacional de desenvolvimento humano no Brasil. 2017. Disponível em: <http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Fi%CC%81sicas-e-Esportivas-e-Ge%CC%82nero.pdf>. Acesso: 11 set. 2020.

AMARAL, C.M. et al. As Mulheres em Modalidades Esportivas Coletivas: Um Panorama dos Cargos Técnicos e de Gestão nas Confederações Brasileiras. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 11, n. 3, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51995/2237-3373.v11i3e110021>. Disponível em: <https://app.periodikos.com.br/article/10.51995/2237-3373.v11i3e110021/pdf/rigd-11-3-e110021.pdf>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

ALTMANN, H. **Atividades físicas e esportivas e mulheres no Brasil**. Relatório nacional de desenvolvimento humano no Brasil. 2017. Disponível em: <http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Fi%CC%81sicas-e-Esportivas-e-Ge%CC%82nero.pdf>. Acesso: 11 set. 2020.

BARREIRA, J. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto?. **Revista Movimento**, v. 27, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118131>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/zpJVPJhJZSKMjs3q9rKhWzQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 Abr. 2023.

BRAUNER, V.L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Revista Movimento (Porto Alegre)**, v. 21, n. 2, p. 521-532, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48156>. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/48156>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706QP063OA>

BURTON, L.J. Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. **Sport management review**, v. 18, n. 2, p. 155-165, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.smr.2014.02.004>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1016/j.smr.2014.02.004>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

CARON, A.E.G. et al. A mulher e o poder na estrutura esportiva do estado do Paraná-Brasil. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 5, n. 2, p. 1-14, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v5i2.42270>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/42270>. Acesso em: 30 Dez. 2015.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). Women and girls must be participants and leaders in sport recovery plans, says un women. 2021. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/women-and-girls-must-be-participants-and-leaders-in-sport-recovery-plans-says-un-women> . Acesso em: 13 Jul. 2021.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulher no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

FAVARI, K.B. et al. Percurso de formação profissional de treinadores e treinadoras de Basquetebol de jovens. **Revista Corpoconsciência**, p. 53-70, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.v25i2.11404>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/11404>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

FERREIRA, H.J. et al. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Revista Movimento**, v. 19, n. 3, p.

103-124, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29087>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29087> Acesso em: 30 Dez. 2021.

FERREIRA, H.J.; SALLES, J.G.C.; MOURÃO, L. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, p. 21-29, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v26i1.22755>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/22755>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

FERREIRA, H.J.et al. Barriers faced by brazilian female coaches. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 2, p. 479-488, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201700020479>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/147569>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

FUENTES, P. Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 representam um marco na igualdade de gênero. *Jornal da USP – Portal da USP*, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/jogos-olimpicos-de-toquio-2021-representam-um-marco-na-igualdade-de-genero/>. Acesso em: 25 Dez. 2021.

GOMES, I.S.; CAMINHA, I. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Revista Movimento (Porto Alegre)**, v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.41542>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/41542/28358>. Acesso em: 01 Dez. 2021.

GOMES, E. et al. As representações da mídia sobre a gestão feminina no Clube de Regatas Flamengo. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 1, n. 1, p. 151-173, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5585/podium.v1i1.20> Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/9499> Acesso em: 30 Dez. 2021.

GUIMARÃES, K.L.; BARREIRA, J; GALATTI, L.R. "Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás": **experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy**. *Movimento*, p. e29010-e29010, 2023.

JAEGER, A.A. et al. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. *Movimento*, v. 16, n. 1, p. 245-267, 2010. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3825> Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115312527014.pdf> Acesso em: 30 Dez. 2021.

JAIME, M. et al. A representatividade de treinadoras do sexo feminino em uma competição oficial. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, p. e169101119305-e169101119305, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19305>. Disponível em: [file:///D:/Downloads/19305-Article-238856-1-10-20210827%20\(2\).pdf](file:///D:/Downloads/19305-Article-238856-1-10-20210827%20(2).pdf). Acesso em: 30 Dez. 2021.

KILTY, K. Women in coaching. *Sport Psychologist*, v. 20, n. 2, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1123/tsp.20.2.222>. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/tsp/20/2/article-p222.xml>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

NORMAN, L. Bearing the burden of doubt: Female coaches' experiences of gender relations. *Research quarterly for exercise and sport*, v. 81, n. 4, p. 506-517, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/02701367.2010.10599712>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02701367.2010.10599712?needAccess=true>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

NOVAIS, M.C.B.; MOURÃO, L. N.; SOARES, J.P.F. A dona da bola: questões de gênero na trajetória de uma treinadora de futebol. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, Florianópolis, v. 11, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017>.

eventos.dype.com.br/resources/anais/1499426042_ARQUIVO_TextoFinalFG2017MarianaNovais.pdf. Acesso em: 30 Dez. 2021.

NOVAIS, M.C.B. et al. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. **Revista Movimento**, v. 27, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106782>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/kbpCcPvC89kXP4W63FS7qnP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

PASSERO, J.G. et al. Gender (in) equality: a longitudinal analysis of women's participation in coaching and referee positions in the Brazilian Women's Basketball League (2010-2017). **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 19, n. 1, p. 252-261, 2019. DOI: <https://doi.org/10.6018/cpd.348611>. Disponível em: <https://revistas.um.es/cpd/article/view/348611>. Acesso em: 3 Jul. 2022.

PASSERO, J.G. et al. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Revista Movimento**, v. 26, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

PFISTER, G. Líderes femininas em organizações esportivas- Tendências mundiais. **Revista Movimento**, v. 9, n. 2, p. 11-35, 2003. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2802>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2802>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, 20(2), 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

SILVA, L.A.; JACÓ, J.F.; KRAHENBÜHL, T. As (não) convocações de mulheres para cargos de liderança nas comissões técnicas no

Handebol brasileiro nos anos de 2014-2020. **Pensar a Prática**, v. 24, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v24.65760>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/65760>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

SILVA, P. et al. Estratégias de resistência e empoderamento de treinadoras portuguesas. **Journal of Physical Education**, v. 31, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3109>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/45351?source=/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/45351>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

SOUZA, G.C. et al. Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, p. 409-429, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p409>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Pk7zJjzG8r3rSf6Lyhc9nCc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

SOUZA, L.K. de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1809-52672019000200005;lng=pt;nrm=iso;tlng=pt. Acesso em: 30 Dez. 2021.

WALKER, N.A.; BOPP, T. The underrepresentation of women in the male-dominated sport workplace: Perspectives of female coaches. **Journal of Workplace Rights**, v. 15, n. 1, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.2190/WR.15.1.d>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273365163_The_Underrepresentation_of_Women_in_the_Male-Dominated_Sport_Workplace_Perspectives_of_Female_Coaches. Acesso em: 30 Dez. 2020.

WALKER, N.; BOPP, T.; SAGAS, M. Gender bias in the perception of women as collegiate men's basketball coaches. **Journal for the Study of Sports and Athletes in Education**, v. 5, n. 2, p. 157-176, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1179/ssa.2011.5.2.157>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1179/ssa.2011.5.2.157>. Acesso em: 30 Dez. 2021.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.